

**Experimentações, afetos e escrita em companhia de  
Heliana de Barros Conde Rodrigues**

Experimentations, affections and writing in the company of  
Heliana de Barros Conde Rodrigues

Rosimeri de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

**RESUMO:**

Este artigo é efeito da fala pronunciada no evento “Modulações Helianas: docência, militância, escrita”, que aconteceu na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no dia 26 de junho de 2024, para celebrar a vida de Heliana de Barros Conde Rodrigues. Recupera algumas dedicatórias escritas por Heliana em livros presenteados para fazer ver e falar escritas tecidas em companhia, como um gesto acadêmico de amizade. Apresenta a escrita forjada *com*, como tecido de afetos, pensamentos, generosidades e delicadezas pela luta insurgente por fazer mover uma academia outra.

**Palavras-chave:** escrita; amizade; vida.

---

**ABSTRACT: (times, 15, negrito)**

This article is the result of a speech given at the event “Modulações Helianas: docência, militância, escrita”, which took place at the State University of Rio de Janeiro on June 26, 2024, to celebrate the life of Heliana de Barros Conde Rodrigues. It recovers some of the dedications written by Heliana in books that were given as gifts in order to show and talk about writings that were woven in company, as an academic gesture of friendship. It presents writing forged with, as a fabric of affections, thoughts, generosities and delicacies in the insurgent struggle to move a different academy.

**Keywords:** writing; friendship; life.

---

*DOI:10.12957/mnemosine.2024.88565*

Não começo pelo fim nem pelo princípio; tento manter-me no meio –  
entre estudos, entre escritos, entre falas, entre debates, entre  
confrontos, entre afecções e afetos...

Heliana RODRIGUES, 2023

No meio, entre afetos e escritas e estudos tecidos, junto com Heliana, uma amizade em sua dimensão coletiva, produtora de subjetividades, como uma atualização de uma estética da existência foucaultiana suporia, por sua vez, ultrapassar os desenhos de uma auto elaboração individual, que nunca seria expressão de um elitismo e individualismo burguês; diferentemente foi expressão de generosidade e riscos; como uma ética e invenção libertária (PASSETTI, 2003) da amiga que a vida me presenteou.

Inventar um encontro presenteado em vida foi nossa liga estreita entre gesto, generosidade, risco e escrita. Durante o encontro, em vida, com Heliana, muitas tecituras foram realizadas e ganharam a forma escrita. Escrever com Heliana foi um longo aprendizado de experienciar sua companhia e presença, amizade e afeto, escuta e pensamento, riso e embriaguez por vinhos e livros. Há outras tessituras que realizamos juntas que não estão nas páginas de textos e de livros, seguem comigo pela amizade forjada nas brechas, pela presença fina e precisa de suas análises, intervenções, gestos, generosidades e delicadezas. Ah! Como estes impalpáveis afetos e delicadezas fazem falta!

A escrita com Heliana inicialmente foi tecida em companhia de Michel Foucault e dos estudos da Análise Institucional. Ela é, ainda como no primeiro dia do nosso encontro, teimosa, nas brechas dos estudos, na insubmissão de um pós-doc não autorizado pela UERJ, selvagem, diferente. A escrita em companhia de Heliana circula em livros e em artigos (DIAS; RODRIGUES, 2022, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2019, 2018a, 2016; RODRIGUES; DIAS, 2023a, 2023b, 2022, 2020, 2019a, 2019b, 2018a, 2018b, 2017), que não será esquecida durante minha vida, e eu jamais me lamentarei. Não, disso estou certa, não, a escrita na “companhia de” seguirá sempre aberta para escrever modos coletivos de afetos, como juntas já escrevemos; no título de um artigo “em companhia de Foucault” (DIAS; RODRIGUES, 2018). O Careca, como bem humorada, Heliana chamava Michel Foucault. “Em companhia de” é um registro que nos liga. Porque nos liga entre, nos movimentos de poder circular e diferir desde o que nos move, nos liga e nos afeta. Ligadas e em companhia forjamos uma amizade rara e cuidamos juntas dela, escrita, e dos sentidos produzidos entre nós (PASSETTI, 2003).

Em companhia de Heliana circulamos pela UERJ, entre Maracanã e São Gonçalo. As travessias da ponte Rio-Niterói eram regadas de conversas e de risadas, trocas de leituras e explicitação dos modos como fazíamos o trabalho com formação, eu de professores, professoras e ela de psicólogos, psicólogas. O que seria pensar a formação em companhia de

Heliana? Era sempre uma viagem de itinerâncias e errâncias pelos nossos campos e estilos de vida, bom lembrar sempre não consensuais para buscar pistas libertárias e de amizade.

Em companhia de Heliana trocávamos inumeráveis *e-mails*. Quase que diariamente encontrava em minha caixa de mensagem uma escrita endereçada que puxava uma conversa. Ela gostava muito de conversar, também, por *e-mail*. Ah! Que falta faz receber estas mensagens diariamente! A ausência de nossas correspondências deixa um vazio tamanho que preencho com as leituras sugeridas por ela, os envios de livros, que carinhosamente vinham acompanhados da escrita de “segue um presentinho”, os artigos de jornal, figurinhas, trocas de questões que se nos passavam. Em 15 de agosto de 2023 eu fiz uma pequena cirurgia no ombro direito, mesmo assim trocamos mensagens até o dia 29 de agosto de 2023, que dizia: “acho que consigo escrever o texto - Califórnia - no final de semana, embora não garanta, pq. ainda estou um pouco fragilizada”. Eu de tipoia e Heliana fragilizada, mesmo assim escrevíamos uma para outra.

Em companhia de Heliana senti a escrita se constituir em um modo de corresponder que age e produz presença, como nos diz Foucault (2002). Tal modo, que estreita ligação com amizade possuindo um espaço de pensamento, forja afetos, gestos, delicadezas, atitudes, leituras, saberes.... Leio e releio suas mensagens e textos e registros deixados para expandir sua existência e vejo na escrita um sensível modo de expressar algo que é impalpável, a amizade. Escrever é também não falar. É se calar. É berrar sem fazer ruído. É gargalhar com frequência. É escutar sua longa gargalhada. É sentir sua presença ainda viva que se poussa em gestos concretos de muitas positivities vivas.

Hoje, em companhia de Heliana, sigo na escrita assim mesmo sentindo a sua ausência. Não: com a sua ausência. Que ausência, não sei dizer, não sei o nome disso. Escrever ao lado do que precede a escrita é sempre estragá-la. E é preciso, contudo, aceitar isso: deixar-se encharcar pela presença do que falta e fazer expandir outra existência desse nosso encontro.

Em companhia de Heliana íamos a livrarias, quanta delicadeza em segurar um livro, folheá-lo, cheirá-lo. Ficávamos próximas, pegávamos livros diferentes e compartilhávamos nossas impressões, nossos olhares, nossos espantos, nossas leituras, nossas alegrias e tristezas. Conheci muitos autores em companhia de Heliana, lemos livros juntas e conversávamos horas intermináveis, sempre regadas por um bom gim, risos, conversas, choros, toques de gatos e cães. Na companhia de Heliana embriagávamos de vinho, de poesia e de amizade.

Em torno de nós, tudo escreve, é isso que precisamos sentir, tudo escreve, a Heliana, ela, ela escreve, nas páginas, nas salas de aula, nas orientações coletivas, nos livros, nos artigos, ela escreveu na luz dos nossos encontros, refletidos nos gestos generosos e ações hoje

de estudar, de ler, de me deixar embriagar pela escrita em sua companhia. A escrita de Heliana poderia preencher uma página inteira desta fala, escrita. Então, seria uma escrita. Do momento em que poderia ser uma escrita, já o é.

O livro quer falar com e, nesse sentido, preocupa-se quanto ao como falar. Como falar do lugar da academia, sem ser triste e mortífero? Uma frase de Isabelle Stengers, relativa às instituições de transmissão de conhecimento, sugere uma boa pista: “estas instituições de transmissão não produzem apenas saber, produzem também cientistas: estão encarregadas não apenas da pesquisa, mas da transmissão do saber. E como é feita esta transmissão? De maneira rápida, de tal sorte que os cientistas produzidos se tornem imediatamente operacionais e intercambiáveis” (Stengers, 1988, p. 54-55).

Por isso, ao buscar como falar, tentei penetrar naquilo que minha própria formação tantas vezes considerou inútil. Embrenhei-me repetidamente em pequenos episódios, nomes pouco conhecidos, acontecimentos históricos quase esquecidos, publicações desaparecidas, autores já malditos, estrangeiros imaginados e devorados.... A academia, com seu funcionamento predominantemente mortífero e eliminador do pretensamente inútil, acabou por ser o tempo e a exigência desta empreitada. Eu a ofereço aos meus mestres-aprendizes, como contribuição à nossa tão difícil terceira via, na qual o crepúsculo dos ídolos em nada é sinônimo de neutralidade, compreensão torpe ou paralisia.

Se, como diz Stengers, “especialmente não lhes contam histórias”, este livro quer justamente fazer a(s) história(s) de nossa caixa de ferramentas. Vale, a seguir, tentar explicar por que e como pretende fazê-lo, à luz das considerações de um dos principais componentes desta própria caixa: o discurso/prática a que se dá o nome “Michel Foucault” (RODRIGUES, 2020a, p.19).

Em companhia de Heliana recebi três volumes em brochura, impressos, do que hoje se tornou o livro “Subjetividades em revolta” (RODRIGUES, 2020a). Foram muitas noites de leituras e trabalhos que me inquietaram vindas pela aproximação do material guardado por ela por muitos anos. As tecnologias, que registravam este material, eram incompatíveis com o presente e o trabalho foi intenso e longo para colocar de pé esta potente pesquisa de seu mestrado, hoje publicada pela editora Lamparina. O livro vocês já o conhecem, recomendo a leitura para os que não a fizeram ainda. Aqui, eu compartilho com vocês a dedicatória que habita a contra capa do meu exemplar, escrita, à mão, pela amiga Heliana: “*Você é a responsável por esta celebração da revolta na forma livro. Que ela possa acompanhar a nossa amizade, sempre insurgente, “pero sin perder la ternura jamás”... Bjs, saúde, sigamos!*”

Em companhia de Heliana, recebi algumas dedicatórias que as guardo com alegria e paixão. A escrita à mão dedicada no livro *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: presença,*

*efeitos, ressonâncias* (RODRIGUES, 2016), é dupla, para mim e para o Bacco, meu cão: “*Rosi, Sem você, este pequeno paralelepípedo decerto não se teria atualizado... Lamparina de Diógenes, amiga, coragem da verdade!*” “*Bacco não devore este livro! Bjs e afagos*”. Assim como eu, Bacco também participava de nossos convescotes, quando eles aconteciam em minha casa, sempre que possível roubando e devorando comidinhas da mesa, quando nos distraíamos, é claro! Ele por perto, também se embriagava com a presença viva de Heliana.

A versão em francês (RODRIGUES, 2020b), deste pequeno paralelepípedo, brinda-me com uma dedicatória feita à mão em português, que atualiza nossa amizade: “*Querida amiga, essas aventuras internacionais se devem às nacionais, que você tanto incentiva. Que possamos multiplica-las, ao vivo, e com saúde! Bjs alegres, para não perder a potência*”.

Há mais algumas dedicatórias, mas o tempo corre e tenho pouco para terminar esta minha fala aqui, compartilho mais duas: A do livro “Análise institucional, genealogia, história oral” (RODRIGUES, 2019) ; “*Querida Rosi, Eis uma combinação de termos que sempre alimentou nossa produção e, principalmente, nossa amizade. Eternas lentes de... deslocamentos, claro. bjs, carinho grande, Heliana Conde*”. E a do livro “No rastro dos cavalos do diabo” (RODRIGUES, 2023); ela me escreve “*Rosi, carinho imenso! Natal estranho na vida com surpresas. E a ótima formadora de tanta criação. Bjs em potência, Heliana*”.

O lugar onde se guardam as dedicatórias são os livros e Heliana os amava. Eu também os amo. Há um cômodo na minha casa assim... claro e fresco... creio que é isso, uma biblioteca caseira, sim, é isso. Guardo estes livros e suas dedicatórias em espaço abrigado, no coração de minha biblioteca. Sempre que as leio, choro. E choro para seguir vivendo. Buscando ar, deixando o peito vaziar saudoso desta presença.

E, porque sigo em companhia de Heliana, o chorar tem que acontecer também. Já choramos juntas, mas penso que rimos muito e trocamos em conversas sobre escritores e escritoras. Das conversas de agosto de 2023, escritas por e-mail, falávamos de Marguerite Duras. É com ela e em companhia de Heliana de Barros Conde Rodrigues, é que leio para vocês uma passagem do livro *Escrever*, de Duras, para terminar minha fala aqui hoje.

Escrever.

Não posso.

Ninguém pode.

É preciso dizer: não podemos.

E escrevemos.

É o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada.

Podemos falar de uma doença da escrita.

Não é simples o que tento dizer aqui, mas creio que podemos reencontrar o nosso caminho, camaradas de todos os países.

Há uma loucura da escrita que existe em si mesma, uma furiosa loucura da escrita, mas não é por isso que ficamos loucos. Ao contrário.

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever, nada sabemos acerca do que vamos escrever. E com toda a lucidez.

É o desconhecido de si mesmo, da sua cabeça, do seu corpo. Escrever não é nem mesmo uma reflexão, é um tipo de aptidão que temos ao lado da nossa personalidade, paralelamente a ela, uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível, dotada de pensamento, de raiva, e que, algumas vezes, coloca a si mesma um risco de vida.

Se soubéssemos alguma coisa daquilo que vamos escrever antes de fazê-lo, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena.

Escrever é tentar saber o que escreveríamos se fôssemos escrever – só ficamos sabendo depois – antes, é a pergunta mais perigosa que podemos nos fazer. Mas também é a mais comum.

A escrita chega como o vento, é nua, é de tinta, é a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada mais, exceto ela, a vida (Duras, 2021, p. 63).

Heliana, presente! Hoje e sempre!

### Referências Bibliográficas:

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Recusando o momento cartesiano: como equipar-se em psicologia e educação? Revista Educação e Filosofia. UFU, v. 36, p. 1683-1713, 2022. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/66295> Acesso em 11 out 2024.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Deslocamentos, invenção e formação outra - em companhia de Foucault. Revista Reflexão e Ação. v. 28, p. 166-180, 2020a. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14278> Acesso em 11 out 2024.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Pensamento e invenção: por uma formação outra. Revista Mnemosine. v. 16, p. 4-32, 2020b. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/52676> Acesso em 11 out 2024.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Uma conversa com Alfredo Veiga-Neto. Revista Interinstitucional Artes de Educar. v. 6, p. 1208-1232, 2020c. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/54609> Acesso em 11 out 2024.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. (Org.). Ordens do discurso: comentários marginais à aula de Michel Foucault. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020d.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Da lição e das lições de Michel Foucault: entre os perigos do discurso e a coragem da verdade. In: Rosimeri de

- Oliveira Dias e Heliana de Barros Conde Rodrigues. (Org.). *Ordens do discurso: comentários marginais à aula de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020e.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. (Org.). *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2019.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Três dispositivos para uma formação inventiva de professores: deslocamentos em companhia de Michel Foucault. In: Allan Rodrigues; Simone Berle; Walter Kohan. (Org.). *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar*. 1ed. Rio de Janeiro: Nefi, 2018, p. 457-470.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Desaprender, viajar, resistir - por modos outros de formar professores. In: Walter Omar Kohan; Sammy Lopes; Fabiana Martins. (Org.). *O ato de educar por uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: Nefi, 2016.
- DURAS, Marguerite. *Escrever*. São Paulo: Relicário, 2021.
- PASSETTI, Edson. *Ética dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário, 2003.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *No "rastro dos cavalos do diabo": memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020a.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Michel Foucault au Brésil: présence, effets, résonances*. Paris: L'Harnattab, 2020b.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Análise institucional, genealogia e história oral: fabricando intercessores em pesquisa e intervenção*. Curitiba: Appris, 2019.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos, ressonâncias*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. O curso A sociedade punitiva: um bibelô raro. *Revista VERVE*. v. 44, p. 18-61, 2023a. Disponível em: <https://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2023/10/verve44.pdf> Acesso em 11 out 2024.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Foucault na Tunísia, Foucault em Vincennes - Conferindo positividade a um filósofo (talvez) desconhecido. In: Salma Muchail; Margareth Rago; Márcio Fonseca; Georghio Tomelin; Pedro Souza. (Org.). *Michel Foucault: devir do pensamento e multiplicação de práticas*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2023b, v. 1, p. 69-88.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Para perturbar a governamentalidade ético-epistêmica: pesquisa intolerância, anarqueologia e parresía em Michel Foucault. In: Arthur Leal. (Org.). *Governamentalidade e práticas psicológicas*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020, v. 1, p. 503-535.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Foucault inimigo do rei: a imprensa nanica brasileira como resistência. In: Eloisa Oliveira; Floriano Godinho de Oliveira; Luiz Antonio Saléh Amado. (Org.). *Políticas públicas e formação humana: contribuições para o futuro*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019a, v. 1, p. 113-154.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. A informação como luta: Michel Foucault e a imprensa nanica no Brasil. In: Atilio Butturi Júnior; Cesar Candioto; Pedro Souza; Sandra Caponi. (Org.). *Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias*. Campina: Pontes Editores, 2019b, v. 2, p. 329-348.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Pensar a infância: desusos, usos e abusos em Michel Foucault. In: Allan Rodrigues; Simone Berle; Walter

Kohan. (Org.). *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar*. 1ed. Rio de Janeiro: Nefi, 2018a, v. 1, p. 471-482.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. The tiny brazilian press as resistance: Foucault, the enemy of the king. *Carceral Notebooks*, v. 13, p. 1-36, 2018b.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. O GIP como modo de insurreição – Ouvindo o ronco surdo da batalha. In: Margareth Rago e Silvio Gallo. (Org.). *Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?* São Paulo: Editora Intermeios, 2017, v. 1, p. 60-85.

Rosimeri de Oliveira Dias  
Mestra em Educação e Doutora em Psicologia  
Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Coordenadora do Grupo de Pesquisas Ofip/CNPq  
E-mail: [rosimeri.dias@uol.com.br](mailto:rosimeri.dias@uol.com.br)